



Seminários Essenciais – Fundamentos

Unidade e Diversidade na Igreja

Aula 7: Trabalhando a Desunião

*Este material foi traduzido pela Igreja Batista Calvário em Pinhais

Introdução

Alguém sabe o que é a Hagia Sophia? [pesquise alguns fatos sobre esta basílica].¹ Por mil anos, ela foi a maior catedral do mundo. Ela fica em Istambul e ainda possui uma das maiores cúpulas de alvenaria do mundo, uma espécie de super cúpula de 532 d.C. E isso é ainda mais incrível porque em Istambul, terremotos são muito comuns. Como ela ficou inteira por tanto tempo? Ela possui um segredo: o cimento que a une é de uma ilha do Mediterrâneo e tem propriedades muito especiais. Uma delas é que, mesmo depois de 1500 anos, o cimento nunca fica totalmente endurecido. Isso significa que quando um terremoto cria pequenas rachaduras e fissuras pela igreja, elas são consertadas assim que chove. A água penetra na estrutura, selando bem a argamassa antiga.

Essa é uma boa imagem do que eu quero que falemos esta manhã. Em um sentido muito físico, a Hagia Sophia é uma igreja que se autocura. E, num sentido espiritual, é isso que somos chamados a ser também. Quando rachaduras e fissuras são criadas em nossa congregação, nossa cultura como igreja deve se curvar tão fortemente diante da unidade de modo que, pela graça de Deus, elas se curem. Assim como a Hagia Sophia, devemos ser uma igreja que se autocura.

No entanto, é claro, em uma congregação que deve ser marcada pela diversidade, é muito mais fácil falar do que fazer. Numa igreja cheia de pessoas que são diferentes de mim, é tão fácil passar despercebido. Ser esquecido. Ser mal interpretado. Ser desvalorizado. Ser ofendido. O que fazemos nessas horas? Damos um sorriso forçado e aguentamos? Atacamos? Ou algo no meio dessas duas opções? O que fazemos quando a vida em uma igreja real nos atropela?

Esta manhã gostaria que olhássemos para além da Hagia Sophia, para a primeira igreja que se autocurava. Não em Istambul, mas em Jerusalém. Não em 532 d.C., mas por volta de 33 d.C. Em Atos capítulo 6, onde no espaço de algumas frases vemos um modelo notável de como trabalharmos a desunião juntos como congregação. Vamos dar uma espiada na igreja do Novo Testamento. Então, quem estiver com sua Bíblia, abra em Atos 6. Você também pode acompanhar o texto em sua folha do aluno. Vamos analisar a igreja primitiva do Novo Testamento e ver como eles agiam.

Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: “Não é correto que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Por isso, irmãos, escolham entre vocês sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, para os encarregarmos desse serviço. Quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra.” O parecer agradou a todos. Então elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Apresentaram estes homens aos apóstolos, que, orando, lhes impuseram as mãos. A palavra de Deus crescia e, em Jerusalém, o número dos discípulos aumentava. Também um grande grupo de sacerdotes obedecia à fé.

¹ Trecho retirado da versão original: Quando eu era estudante, passei um verão num projeto de engenharia em Istambul, estudando a Hagia Sophia – subindo até o topo de sua cúpula.

Para entender o que está acontecendo aqui, precisamos conhecer um pouco do contexto. Você deve se lembrar por causa de todo o estudo que fizemos em Efésios 3, nas primeiras semanas deste curso, o quanto a unidade entre judeus e gentios é importante – para nós e para Deus. Porém, não é dessa unidade que este texto está tratando. Provavelmente, tanto os que são chamados de “hebreus” quanto os que são chamados de “helenistas” eram judeus. Os helenistas eram os judeus de todo o Império Romano que se reuniram em Jerusalém para o Pentecostes; os hebreus eram judeus da Palestina. Os helenistas se sentiam mais à vontade na cultura grega, os hebreus, na cultura judaica. Os helenistas ficavam mais confortáveis falando grego, hebreus, aramaico.² Os historiadores daquela época escreveram sobre a animosidade entre esses dois grupos.³ Assim, uma unidade entre eles teria sido algo notável. Não era bem o abismo que havia entre judeus e gentios, entretanto, ainda assim, era um grande desafio.

O evangelho afirma que a unidade em Cristo é mais forte do que as diferenças deste mundo. Os apóstolos enfrentaram uma falha que ameaçava essa unidade. E o que a igreja primitiva fez sob a liderança deles? No restante da aula de hoje, trabalharemos com cinco observações sobre como ela protegeu sua unidade.

1. Preste atenção ao que ameaça a unidade da igreja

Eram apenas algumas viúvas reclamando de comida, certo? Não era algo que merecia tanta atenção. Tenho certeza de que isto é o que a maioria das pessoas daquela sociedade teria pensado. Mas não esta igreja. Apenas pense no que está acontecendo no versículo 2. Os doze reúnem o número total dos discípulos. Isso pode muito bem ter sido milhares de pessoas! Praticamente todos os cristãos da terra! Isso demonstra como eles levavam as viúvas a sério. Como levavam a unidade a sério. Os apóstolos entraram em ação porque se tratava de um problema muito maior do que a distribuição de alimentos. O que estava em jogo era a verdade de que Cristo é mais poderoso do que qualquer coisa que possa nos separar. Esta questão da unidade botava em questão o evangelho. Por isso, eles resolveram agir. E é por isso, suspeito eu, que Lucas apresenta essa história de forma tão proeminente no livro de Atos. O evangelho não sobreviverá por muito tempo se não for refletido na comunidade que o anuncia.

A desunião não deveria nos surpreender. Mais adiante neste mesmo livro, quando Paulo se dirige aos anciãos de Éfeso, ele os adverte: “Eu sei que, depois da minha partida, aparecerão no meio de vocês lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que até mesmo entre vocês se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás de si.” (Atos 20.29-30). Às vezes, as ovelhas abocanham umas às outras. Elas arranham e mordem. E, às vezes, acontece de elas não serem ovelhas, mas lobos que querem destruir o rebanho. As ameaças à unidade merecem nossa atenção. Essa é a nossa primeira observação. Segunda:

2. Assuma a responsabilidade de proteger a unidade da igreja

Eu acho fascinante o que os apóstolos fazem a seguir. Algo realmente incrível, não?! O evangelho é que está em jogo aqui, então, eles resolvem o problema, certo? Errado. Eles reúnem toda a igreja e basicamente jogam o problema de volta para eles: “Não é correto que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Por isso, irmãos, escolham entre vocês sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, para os encarregarmos desse serviço. Quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra”. Eles não dizem à igreja como resolver o problema. Eles simplesmente lhes dizem para selecionar sete homens para fazer isso. E nem mesmo

21. Howard Marshall, *The Acts of the Apostles* (1980; repr., Leicester, England; Grand Rapids, Mich: Inter-Varsity Press; W.B. Eerdmans, 2000), p. 125-126.

3 K.C. Hanson and Douglas E. Oakman, *Palestine in the Time of Jesus: Social Structures and Social Conflicts* (Minneapolis: Augsburg Fortress Publishers, 1998), p. 149.

dizem à igreja quem devem ser os sete homens. Essa é uma manobra administrativa prática e intrigante, não acham?!

Eles agiram assim porque, por mais que precisemos de uma boa liderança, proteger a unidade é *nosso* dever como congregação. *Nós* somos aqueles que devem manter a unidade do Espírito no vínculo da paz, Efésios 4.3.

Isso tem algumas implicações bastante significativas. Por um lado, significa que quando estamos lidando com um problema de unidade na congregação, não temos a opção de entrar em algum buraco do chão e esperar até as coisas acabarem. Precisamos assumir essa unidade como *nossa* responsabilidade e parte de *nossa* mordomia cristã. Se você foi ofendido, ignorado, mal compreendido, esquecido ou desvalorizado nesta igreja, você precisa fazer algo a respeito. Não para lutar por seus direitos ou para ser respeitado, mas para lutar pela unidade. O cristão não é chamado para pensar “eu devo me respeitar” e sim “eu devo respeitar a Cristo, cuja imagem carregamos juntos”.

Isso significa que muitas vezes, embora pareça contraintuitivo, *fazer* algo para proteger a unidade vai significar *não* fazer algo. Ou seja, vai significar ignorar a ofensa. Provérbios 19.11 nos diz: “O bom senso leva a pessoa a controlar a sua ira; a sua glória é perdoar as ofensas.”

Claro, é difícil saber quando, para buscar a unidade, é melhor ignorar a ofensa e quando é melhor expô-la e tratá-la. Claramente, neste caso, os apóstolos decidiram tratá-la. Contudo, só o fazermos da unidade o nosso objetivo, em vez de servirmos a nós mesmos, já é um grande passo à frente. Aqui estão mais algumas diretrizes para se ter em mente ao determinar quando expor uma ofensa:

- Você deve optar por expor uma ofensa quando o pecado de alguém é perigoso para ele(a) - seja por ser grave ou por ser já repetido.
- Quando o pecado de alguém se torna um impedimento ao relacionamento de vocês, você também precisa lidar com ele. Ou, como um velho teólogo disse uma vez, quando ele “diminui suas afeições” pelo outro. É claro que pode ser humilhante ter de reconhecer a sua necessidade de expô-lo e tratá-lo, já que, se você fosse uma pessoa melhor, poderia simplesmente ignorá-lo. Porém, desde quando relacionamentos *não* exigem humildade?

Uma terceira implicação: não devemos esperar que nossos pastores resolvam esses problemas. Pelo menos não sozinhos. Alguém chega a um pastor e diz: “Nossa igreja está lutando com X!” O que esse alguém quer dizer, na verdade, é “Resolva isto!”. Por isso, essa pessoa fica surpresa quando o pastor senta com ela para ajudá-la a determinar o que *ela* pode fazer a respeito do tal problema. Os pastores e os outros líderes da igreja têm um papel; chegaremos a isso daqui a pouco. Entretanto, precisamos lembrar que proteger a unidade é responsabilidade *nossa*.

3. Evite tomar partido

Uma coisa que salta à vista quando você olha para esta passagem é o cuidado dos apóstolos para evitar ficarem do lado dos helenistas ou do lado dos hebreus. Não é dito se os apóstolos fizeram algum esforço para investigar se as viúvas helenistas *estavam* mesmo sendo negligenciadas. Aparentemente, só a percepção do favoritismo já era um problema ruim o suficiente. Eles nunca dividem a congregação, se reunindo primeiro com os helenistas e depois com os hebreus ou vice-versa. Pelo contrário, Lucas escreve que os apóstolos convocaram “todos os discípulos” (NVT) da igreja. Então, quando eles falam com a congregação, não há nenhuma menção a qualquer tipo de divisão de facções. “Ouvimos dizer que alguns de vocês estão tendo problemas para se dar bem...” E, então, a única coisa que os apóstolos fizeram para resolver o problema – ordenar que *sete* homens sejam escolhidos – parece ter sido proposital para impedir que a congregação tivesse uma representação igual de ambos os lados no comitê diaconal. Os apóstolos certamente não estavam cegos para a divisão que criou esse conflito. Porém, de forma alguma, eles não iriam consagrar essa divisão em nada do que fizessem.

Acho que há um mundo de sabedoria aqui para nós. Muitas vezes, valorizamos nossas próprias preferências acima da unidade da congregação – e uma maneira de fazer isso é reconhecendo facções na igreja. Fazemos isso na forma como falamos: “nós os pobres desta igreja lutamos com...” ou “os que são queridinhos do pastor...” como se eu pudesse falar por todos os membros de um determinado grupo. Também fazemos isso na maneira como agimos, quando falamos sobre um problema apenas com pessoas as quais sabemos que se sentirão da mesma forma que nós. Fazemos isso até na maneira como pensamos, quando presumimos que um determinado grupo de pessoas terá a mesma atitude em relação a uma questão.

Entretanto, precisamos reconhecer o quanto isso é perigoso. Isto seria um exemplo de abuso das nossas semelhanças, como falamos na semana passada. Paulo lista dissensões e facções ao lado de feitiçaria, idolatria e imoralidade sexual como obras da carne em Gálatas 5.20. E ele zomba da igreja de Corinto por pensarem assim: “E é até *necessário* que haja partidos entre vocês, para que também os aprovados se tornem conhecidos entre vocês.” (1Co 11.19). Não devemos criar, perpetuar ou encorajar facções de forma alguma.

E devemos ter cuidado para não pedir implicitamente aos nossos líderes que tomem partido quando lhes trazemos problemas. Posso pensar em uma mulher que me procurou recentemente me pedindo para mediar um conflito com suas colegas de quarto. No entanto, ela teve muito cuidado em deixar claro que não achava que eu precisava ver as coisas da ótica dela. Se estivesse errada, ela queria que eu deixasse isso claro para ela. Que atitude grandiosa e humilde! Muito melhor do que tentar pressionar um líder da igreja para ficar do seu lado em um conflito. Então, quando você for envolver os líderes da igreja numa questão, seja como esta irmã! Lembre-se: pastores e diáconos também lutam com a tentação de querer agradar as pessoas. Ajude-os a resistir à tentação de simplesmente quererem deixar você feliz, deixando claro que você não espera que eles necessariamente vejam as coisas do jeito que você vê.

Uma ótima maneira de evitar tomar partido é passar tempo com as pessoas do “outro lado”. É tão fácil classificar ou estereotipar pessoas que você não conhece bem. Então, se você é uma viúva helenista sendo negligenciada, pergunte a um homem hebreu como você pode orar por ele e sua família. Tire os impedimentos do caminho para poder amar aqueles que são diferentes de você nesta congregação (mesmo que o impedimento seja você mesmo), e provavelmente descobrirá que “tomar partido” deixará, aos poucos, de ser uma tentação – porque os lados realmente não parecerão existir.

Este é um bom momento para pensarmos em nossas próprias experiências. Como podemos evitar cometer o erro de tomar partido nas disputas ou manifestações de insatisfação em nossa igreja?

Alguma dúvida?

4. Procure e recomende soluções estruturais

Essa diretriz parece bem teórica, não é? No entanto, acredito que ela seja muito poderosa. Eis o que quero dizer: devido a toda desconfiança e tensão entre helenistas e hebreus que sabemos ter existido no primeiro século, parece improvável que esta tenha sido a primeira vez que os dois grupos tiveram problemas. Mas, em vez de simplesmente responder a uma sensação geral de desconforto ou angústia existencial, os apóstolos demoraram a agir, só intervindo quando viram uma questão estrutural e tangível. Eles não achavam que era trabalho deles fazer todo mundo feliz o tempo todo. Isso não é bíblico nem realista. Também não ignoravam o problema. Contudo, eles esperaram até verem algo muito específico que pudessem fazer antes de agir.

Vou compartilhar dois exemplos para ilustrar como isso pode ser aplicado na prática.

No início dos anos 2000, o berçário da CHBC consistia no que hoje é o banheiro masculino e um escritório [e para uma mega igreja esse é um espaço bem pequeno]. Havia poucos bebês. Mas à medida que a igreja crescia, o número de famílias com crianças pequenas estourou. E as famílias com crianças pequenas sentiam, às vezes, que estavam sendo negligenciadas e desvalorizadas pela igreja.

Os pastores conversaram e oraram sobre isso, porém só quando algo muito tangível surgiu, eles escolheram fazer mudanças. Um jovem pai salientou que adiantar o culto noturno em uma hora tornaria muito mais fácil para as famílias novas se envolverem. Então, um dos irmãos da equipe saiu perguntando a diferentes tipos de membros — membros que moravam no subúrbio, estudantes, aposentados, solteiros e assim por diante — como a mudança os afetaria. Acabou que isso se mostrou ser uma grande ajuda para as famílias novas e não custaria muito para o resto da igreja. Então, eles fizeram a mudança. Isso eliminou toda a tensão? Não. Ajudou? Sim. Mas esta é a questão: quando uma igreja faz mudanças estruturais em resposta a um descontentamento generalizado, corre o risco de causar tantos problemas quanto resolver. Portanto, é melhor esperar por problemas estruturais antes de responder com soluções estruturais.

Outro exemplo: Muitos anos atrás, um dos líderes da CHBC foi conversar com Mark Dever sobre uma deficiência específica da cultura da igreja. Ele presumiu que, como o pastor Mark Dever ainda não tinha feito nada a respeito, ele não havia notado. Ah, mas ele já tinha notado. Ele revelou que já vinha orando por aquele problema todos os dias há meses. Nenhuma oportunidade estrutural e tangível de mudança havia surgido. Mas ele *estava* fazendo alguma coisa. Trabalhando em oração para que Deus mudasse corações e ajustasse a cultura da igreja.

Portanto, o que tudo isso significa na prática para nós? Aqui estão algumas ideias:

- ◆ Procure soluções estruturais e tangíveis quando sentir problemas culturais. E leve-os aos líderes da igreja. Josiah Davis se sentiu negligenciado quando se juntou à CHBC. Então, ele foi conversar com um dos líderes da igreja. Em vez de simplesmente dizer que se sentia negligenciado, ele sugeriu um novo ministério para ajudar a receber os novos membros. E ele se ofereceu para coordená-lo. Que servo maravilhoso para a igreja!
- ◆ Agora há pouco, eu ofereci algumas diretrizes sobre quando ignorar uma ofensa e quando reagir a ela. Esta é provavelmente mais uma diretriz de sabedoria para lhe ajudar nessa decisão: quando você não vê algo específico e prático que alguém possa fazer para mudar, isso deve incliná-lo mais para o lado de ignorar a ofensa do que para o de expô-la.
- ◆ Ore por nossos diáconos! De muitas maneiras, eles são uma das principais soluções estruturais e tangíveis para os problemas de unidade que enfrentamos ou podemos enfrentar como igreja. Sou muito grato por eles e por todo o seu trabalho! Então ore... e ajude-os no trabalho deles.
- ◆ Cuidado para não reclamar. Isso é especialmente pertinente quando você está conversando com alguém sobre um problema de unidade em nossa igreja e você *não* tem um problema específico e tangível em mente. É importante falar sobre contra o que estamos lutando como congregação com sinceridade. No entanto, em tempos como este, podemos facilmente nos tornar murmuradores. Eu fico impressionado com a importância que Paulo dá a não murmurar em Filipenses 2.14. Não reclamem, ele diz, e vocês brilharão como estrelas neste mundo de trevas enquanto pregam a Palavra da vida. Não murmurar é sinal de que confiamos na boa providência de nosso sábio Senhor e mestre. Que testemunho para um mundo perdido que não tem o mesmo conforto e confiança!

5. Superem uns aos outros no mostrar honra

Fico intrigado com o fato de que, apesar de os apóstolos claramente terem uma preocupação profunda com a unidade da igreja, a preocupação deles imediata era muito mais limitada. Tudo o que eles queriam fazer, ao que parece, era impedir que as viúvas helenistas fossem negligenciadas. Nada é dito sobre viverem juntos em unidade. Sobre todos terem o suficiente. Nada de igualdade. Apenas “impedir que coisas ruins acontecessem”. Todavia, pelo poder do Espírito de Deus, o que acontece é muito maior do que isso.

Por que Lucas registra os nomes de todos os sete homens que a congregação apresentou como diáconos? “Estevão... Felipe, Prócoro, Nicanor, Timão...” Bom, se eu posso me arriscar e especular um pouco, é porque eram todos nomes gregos. E isso é notável. Esta provavelmente era uma congregação de maioria de hebreus. Não era inédito que os hebreus tivessem nomes gregos. Mas

parece extremamente provável que, se não todos os sete, pelo menos a maioria desses homens era da minoria helenista.

Eu amo isso! É como uma gracinha oculta em toda essa história. Uma pequena surpresa de Lucas escondida nos detalhes. Os hebreus nesta congregação amavam tanto a unidade que se esforçaram para cuidar de suas irmãs helenistas – até o ponto de confiar suas próprias viúvas a esses irmãos de uma cultura grega desconhecida.

Romanos 12.10 coloca isso desta forma: “Amai-vos mutuamente com afeição terna e fraternal. Adiantai-vos em honrar uns aos outros.” (Versão Católica). “Adiantai-vos”, é como uma competição para ver quem pode dar mais honra ao outro. E quem ganha essa competição? Jesus!

Nosso dever não é simplesmente alcançar justiça, equidade ou qualquer outro termo que pareça judicial. É preferir uns aos outros no mostrar honra. Assim como esta igreja de Atos 6 em Jerusalém fez. Lembre-se: o que parece generoso para a maioria pode parecer injusto para a minoria. Assim como no casamento, a palavra “justo” é absolutamente corrosiva quando se trata de nossa vida como igreja. Nosso objetivo nunca deve ser apenas ser justo. Nosso alvo é o amor.

Quando você sente nossa unidade como igreja ameaçada, é nisso que você precisa pensar. “Como posso me adiantar no mostrar honra?” Você sente que suas necessidades particulares estão sendo ignoradas. Fale sobre isso, especialmente se você tiver algum conselho construtivo. Mas, acima de tudo, pergunte a si mesmo: como você pode se adiantar àquele com quem está falando e lhe mostrar honra? Você sente que os comentários de alguém são insensíveis e ofensivos porque eles pressupõem ignorantemente que sua experiência de vida é igual à dele(a). Pergunte a si mesmo: como você pode ajudá-lo(a) a ver isso, se adiantando no demonstrar de honra? Passa algo nas notícias dos jornais que você acha profundamente perturbador e alguns de seus irmãos e irmãs coçam a cabeça, confusos sem saber o que o deixou tão nervoso. Ajude-os a entendê-lo melhor, *enquanto* procura adiantar-se no honrá-los.

Conclusão

1 Jo diz: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”. Pura verdade! Esse é o poder por trás do nosso amor como cristãos. É por isso que podemos fazer tudo o que tenho falado. Por Jesus ter nos amado, seu Espírito vive em nossos corações, capacitando-nos a fazer coisas que nunca poderíamos fazer de outra forma. Por Jesus ter nos amado, ele nos deu um exemplo de como sofrer para sua glória, confiando-nos ao nosso Pai Celestial que é perfeitamente bom e está perfeitamente no controle. Porque Jesus nos amou, fomos perdoados de tudo o que fizemos de errado – ao custo da própria vida dele – e não podemos evitar que esse perdão se transforme em amor. Por Jesus ter nos amado, temos a esperança de uma eternidade com ele no céu e esta recompensa celestial nos leva à fidelidade terrena.

Porque ele nos amou primeiro, lutamos para proteger nossa unidade. Lembrem por que as partes da Hagia Sophia ficaram juntas? Porque elas tinham uma propriedade especial. Nossa propriedade especial é o amor de Deus, demonstrado através de nós pelo Espírito de Deus. É por ela que nos tornamos uma igreja de autocura. E, assim, Atos 6.7 diz: “A palavra de Deus crescia e, em Jerusalém, o número dos discípulos aumentava. Também um grande grupo de sacerdotes obedecia à fé”. Louve a Deus por isso!

E que possamos louvá-lo também por podermos experimentar isso em nossa própria pele.